ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM GRUPO REFLEXIVO COM ABORDAGEM RESPONSABILIZANTE PARA HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA

Áreas Temáticas: Direitos Humanos e Justiça

Hinayana Leão Motta [1]

Gustavo Alves Pereira de Assis[2]; Leila Ribeiro Satelis[3]

RESUMO: Os grupos reflexivos com abordagem responsabilizante para homens autores de violência são desenvolvidos na Clínica Escola de Psicologia da Universidade de Rio Verde. O objetivo é promover a reflexão sobre o comportamento agressivo e a autorresponsabilização. Foram realizados quatro grupos, com vinte participantes, totalizando sessenta e duas horas de prática extensionista e quarenta e oito horas de supervisão clínica. A partir da compreensão diagnóstica, utilizou-se como instrumentos a observação clínica, a escuta qualificada, a intervenção verbal e as técnicas de dinâmica de grupo. Percebeu-se inicialmente um processo resistencial dos integrantes do grupo, bem como vitimização e culpabilização da mulher. Com o decorrer do processo, os indivíduos atendidos puderam refletir sobre as violências praticadas, responsabilizando-se. As verbalizações finais demostraram arrependimento pelo comportamento violento. O contato dos discentes com o público mobilizou estratégias de busca de solução, contribuindo para a formação profissional. Assim, a extensão revela-se como dispositivo pedagógico que evidencia ao discente o contato com a realidade social e suas problemáticas. O projeto de extensão se inscreve na ética do compromisso social da ciência, fomentado pela tríade conhecimento-extensão-pesquisa. Deste modo, a prática extensionista se instaura como elemento para o futuro profissional que queremos ver no Brasil.

Palavras-chaves: Direitos Humanos; Extensão Universitária; Formação profissional; Intervenção psicológica.

1 INTRODUÇÃO

A Clínica Escola de Psicologia (CLIEP) é um núcleo de extensão da Universidade de Rio Verde (UniRV) que visa a capacitação de discentes do curso de Psicologia no campo da prática clínica. Na CLIEP são realizadas triagens psicológicas, psicoterapia individual em todas as modalidades de atendimento, supervisão clínica, pesquisas e atendimento em grupo reflexivo. Portanto, pauta-se na integração conhecimento-extensão-pesquisa, fundamental para um modelo de universidade

[1] Mestra em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Rio Verde (UniRV), hinayana@uol.com.br
[2] Curso de Psicologia, Universidade de Rio Verde (UniRV).
[3] Curso de Psicologia, Universidade de Rio Verde (UniRV).

comprometida com a formação técnico-científica dos estudantes, em um paradigma ético-social para com a sociedade e a pesquisa científica brasileira.

Os grupos reflexivos com abordagem responsabilizante “Justiça e Paz em Casa’’ se inscrevem no Projeto de Extensão ‘’Psicologia e Direito: Saúde, Cidadania e Justiça ao Alcance de Todos’’. Trata-se de uma parceria entre a Faculdade de Psicologia da UniRV e o Tribunal de Justiça do Estado de Goiás (TJGO), comarca de Rio Verde, pelo Juizado de Violência Doméstica Contra a Mulher e Defensoria Pública de Rio Verde. O objetivo dos grupos é promover a reflexão sobre as violências praticadas contra mulheres, responsabilizando os autores por tais atos. O público-alvo são homens autores de violência doméstica e/ou familiar encaminhados pelo Juizado e/ou Defensoria Pública.

A prática nos grupos pauta-se na metodologia do Instituto Noos, posteriormente comentada (Acosta, Andrade Filho & Bronz, 2004). Deste modo, caracteriza-se como um trabalho social de ampliação do acesso à justiça e à cidadania, considerando-se que os discentes atuam como multiplicadores do conhecimento teórico, apreendido em sala de aula, proporcionando, assim, a participação em situações concretas, e despertando a necessidade de um desenvolvimento contínuo de ações solidárias, humanísticas e éticas que contribuirão na formação de profissionais justos, éticos e íntegros.

A extensão universitária é um dispositivo pedagógico que deve estar vinculado a um compromisso social. Investir na formação de discentes é investir no futuro do Brasil. Assim, deve-se possibilitar ao estudante uma visão crítica em relação aos problemas sociais. Bons profissionais deverão saber atuar em problemas sociais emergentes. No campo do fazer psicológico, a CLIEP mediante os grupos reflexivos, torna-se um espaço de formação científica, pautado no objetivo global Paz, Justiça e Instituições Eficazes da Organização das Nações Unidas (ONU). Busca-se desenvolver sociedades pacíficas e inclusivas, proporcionando o acesso à justiça para todos por meio de instituições eficazes e inclusivas.

2 DESENVOLVIMENTO

A violência contra a mulher é um problema social emergente, caracterizado como uma violação dos direitos humanos. Guimarães e Pedroza (2015) salientam que a gravidade deste fenômeno exige reflexões teórico-práticas para uma compreensão crítica da realidade. No que compete ao índice de violência contra figuras femininas, o Instituto Maria da Penha (2018) informa que a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal. Os índices revelam alta incidência de violência contra o gênero feminino cometida por homens em território brasileiro.

A Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, provê mecanismos que visam coibir violência doméstica e familiar. Também descreve a criação de centros de educação e reabilitação para os autores de violência. Vários programas no Brasil visam a atenção ao autor de violência. O Instituto Noos, por exemplo, realiza diversas ações que visam a reflexão sobre o universo masculino e as violências perpetradas, promovendo a responsabilização por tal ato e a diminuição do comportamento agressivo (Acosta, Andrade Filho & Bronz, 2004).

O programa ‘’E agora, José?’’ é outro exemplo de ações nacionais com homens autores de violência doméstica contra indivíduos do sexo feminino. O programa visa a reflexão e a responsabilização dos autores, por meio de um processo pedagógico. O grupo trabalha temáticas que permeiam o universo masculino e que estejam relacionados com a violência doméstica contra mulheres. Os autores concluem que o grupo tem apontado para mudança no discurso dos participantes, o que sugere alteração comportamental (Urra & Pechtoll, 2016).

Considerando este panorama, os grupos reflexivos ‘’Justiça e Paz em Casa’’ tiverem início no segundo semestre de 2017 e prosseguimento no primeiro semestre de 2018. Ocorreram nas dependências da CLIEP, em sala de grupo. A duração de cada encontro foi de uma hora e meia, e o número de sessões dependiam da necessidade de cada grupo, levantada na compreensão diagnóstica. Os grupos eram conduzidos por discentes de Psicologia, devidamente treinados na área, sob supervisão clínica, com exceção do grupo I que teve a presença da coordenadora do projeto.

Inicialmente foi realizado com cada indivíduo encaminhado a triagem psicológica, que é um atendimento individual que visa o acolhimento e a coleta de informações relevantes para a compreensão diagnóstica do sujeito. A partir deste levantamento foram estabelecidos um foco de trabalho e objetivos, limitados e dirigidos à problemática atual.

Em ambos os semestres formou-se dois grupos. Os grupos do segundo semestre de 2017 constituíram-se de quatro participantes em cada, sendo que no Grupo I foram realizados quatorze encontros e no Grupo II dez encontros. Nos grupos de primeiro semestre de 2018, houveram cinco indivíduos no Grupo III e sete no Grupo IV. Ambos os grupos tiveram doze sessões. Deste modo, totalizou-se 48 encontros, com duração aproximada de 62 horas de prática extensionista e 48 horas de supervisão clínica.

Nos grupos haviam autores de violência física, psicológica, patrimonial e moral contra mulheres, parceiras íntimas, genitoras e filhas. Os instrumentais técnicos utilizados para a condução dos grupos foram a observação clínica, a escuta qualificada, as intervenções verbais e as técnicas de dinâmica de grupo. Nos grupos, várias temáticas foram trabalhadas, como as masculinidades, papéis de gênero, relacionamento conjugal, tipos de violência contra a mulher, estratégias de resolução de problemas, consequências do comportamento violento, preconceito de gênero, entre outras. As propostas de temáticas surgem da compreensão diagnóstica, bem como do referencial de programas nacionais (Acosta, Andrade Filho & Bronz, 2004; Urra & Pechtoll, 2016).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A seguir, será realizado uma síntese descritiva sobre os atendimentos grupais realizados. Estes dados qualitativos foram coletados mediante as supervisões clínicas semanais, bem como do registro documental em prontuário clínico.

O grupo I foi conduzido pela psicóloga Hinayana Leão Motta, enquanto facilitadora, e pela discente Fabrícia Santos de Paula, enquanto co-facilitadora. O grupo apresentava inicialmente dificuldades na autorresponsabilização pelo comportamento agressivo, culpabilizando a mulher pelas situações. Evidenciou-se a manipulação por parte dos participantes, visando a vitimização. Deste modo,

utilizouse intervenções confrontantes, buscando a conscientização sobre os comportamentos e a responsabilidade sobre. Outra demanda neste grupo foi dilemas na relação paifilhos, refletindo em atritos com a genitora. A relação parental foi discutida, orientando sobre violência infantil e as relações de poder. O grupo confirmou-se, portanto, como espaço de crescimento e desenvolvimento pessoal, bem como observou-se a conscientização e responsabilização pelas violências praticadas.

O grupo II foi conduzido pelos acadêmicos Fabrícia Santos de Paula, enquanto facilitadora e Marciel Rodrigues Lacerda, no papel de co-facilitador. Inicialmente o grupo mostrou-se inseguro e tenso quanto ao contato com os discentes. Com o passar dos encontros o vínculo foi fortalecido e foi possível trabalhar crenças e comportamentos disruptivos, como a vitimização de si, a culpabilização da mulher e a manifestação de agressividade no tom de voz e no uso de palavras ríspidas. Deste modo, interviu-se a partir da experiência direta em situação grupal, conscientizando sobre a agressividade manifestada e como a mesma se dava em contexto doméstico. O grupo sentiu-se acolhido e compreendido em suas questões, possibilitando um espaço seguro para a busca de comportamentos assertivos e saudáveis. Os participantes mostraram-se responsabilizados pelos comportamentos violentos praticados, bem como sentimentos de arrependimento.

No grupo III foi conduzido pelas acadêmicas Nathalia da Silva Cosmo e Paula Botini Guimarães, facilitadora e co-facilitadora, respectivamente. Percebeu-se nos grupos um processo de vitimização, bem como de culpabilização da mulher. Notou-se também a presença de crenças machistas. Deste modo, a responsabilização pelos atos e consequente diminuição da culpabilização contra a mulher foram objetivos a serem trabalhados, bem como da desconstrução de crenças e práticas machistas. O processo grupal permitiu aos integrantes a possibilidade de contato com os próprios pensamentos, emoções, sentimentos e comportamentos. As reflexões permitiram a desconstrução de crenças e comportamentos machistas, e sua correlação com as violências domésticas. Percebeu-se arrependimento pelos atos e novas habilidades para lidar com situações conflitantes em relacionamentos íntimos.

No grupo IV, os acadêmicos Gustavo Alves Pereira de Assis e Leila Ribeiro Satelis foram facilitador e co-facilitadora, respectivamente. Inicialmente percebeu-se no grupo um processo resistencial, com a culpabilização da mulher e a

nãoresponsabilização da violência praticada. Os facilitadores apresentavam-se como receptivos, numa postura de acolhimento, visando a construção de um vínculo positivo. Com o decorrer do processo e o fortalecimento de vínculos, os integrantes puderam aprofundar em suas experiências, refletindo e buscando estratégias de lidar com futuras situações desafiadoras. Notou-se a consciência sobre as consequências da violência doméstica e familiar, verbalizados em forma de arrependimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos reflexivos ‘’ Justiça e Paz em Casa’’ mostraram-se como elementos pedagógicos imprescindíveis para a formação clínica de futuros psicólogos brasileiros. Mediante as demandas do grupo, o discente entra em contato com a realidade social, deparando-se com limitações, o que possibilita a busca de resolução. Assim, a prática extensionista revela-se como oportunidade da construção de um futuro profissional para o Brasil que mediante uma visão crítica busque solução para problemáticas sociais.

Trata-se de caminhos iniciais para um modelo de universidade implicada com as demandas sociais emergentes, a considerar o período de início de sua execução. Afinal, ciência é ciência para a sociedade! Trata-se de fomentar práticas que possibilitem tecnologias que visem a promoção da justiça e dos direitos humanos.

O projeto pauta-se na ética do compromisso social, promovendo uma formação científica sólida. Ademais, não podemos desconsiderar a importância dos grupos reflexivos para a comunidade como um todo. Afinal, trabalha-se a violência em sua origem, e não só com um caráter punitivo, e sim reflexivo, crítico e educativo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, F.; ANDRADE FILHO, A.; BRONZ, A. Conversas homem a homem: grupo reflexivo de gênero. Rio de Janeiro: Instituo Noos, 2004.

GUIMARÃES, M. C.; PEDROZA, R. L. S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 256-266, maio 2015.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Relógios da violência. Disponível em https://www.relogiosdaviolencia.com.br/. Acesso em 15 de junho de 2018

URRA, F.; PECHTOLL, M. C. P. Programa ‘’E agora, José?’’: grupo socioeducativo com homens autores de violência doméstica contra as mulheres. Revista Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, v.25, n. 54, p. 112-116, abril 2016.